

ares do Sul



Paul Gauguin, «Te Aa no Areola»

apenas para uma pequena elite de uma sociedade rigorosamente estratificada. Quando Cook publicou o seu próprio livro de viagens, em 1777, cingindo-se à realidade e sem a euforia de Hawkesworth, o público já não quis acreditar. O mito encontrava-se profundamente alicerçado pelas publicações anteriores.

Desde sempre, o fascínio atraíu — e atrai — sobretudo aqueles que se sentem desiludidos com a sua própria sociedade e tentam escapar à mesma procurando uma felicidade utópica, um idílio impossível. Fuga essa condenada ao fracasso, na maior parte das vezes. Bem poucos são aqueles que conseguem integrar-se na sociedade do exílio escolhido.

Entre os primeiros que tentaram libertar-se da engrenagem da sociedade ocidental, contam-se os tripulantes do navio «Bounty» que se revoltaram em 1789 na ilha de Tonga contra o duro regime do capitão William Bligh, numa aventura tantas vezes recriada por Hollywood. Nove marinheiros conseguiram escapar à perseguição das autoridades britânicas e refugiaram-se na ilha minúscula de Pitcairn, acompanhados de seis taitianos e doze mulheres indígenas. Porém, o idílio tornou-se rapidamente um pesadelo: catorze dos quinze homens que chegaram à Pitcairn morreram dentro dos seguintes dez anos, e apenas um único destes catorze teve morte natural.

O sonho contagiou também pela simples leitura: em 1806, três estudantes da Universidade alemã de Tübingen formaram uma associação secreta planeando a emigração para o Pacífico, em busca de uma vida feliz e diferente. No entanto, em 1808 um ex-sócio denunciou-os à Polícia do estado de Württemberg, que procedeu à imediata proibição da associação, cujos presidentes pagaram os seus sonhos efémeros com dois meses de prisão.

Muitos dos que sucumbiram ao mito foram escritores e pintores que o recriaram depois nas suas próprias obras, transmitindo-o com novo vigor à próxima geração.

Hermann Melville, que mais tarde iria criar *Moby Dick*, desembarcou nas ilhas Marquesas em Junho de 1842, após dezoito meses monótonos e duros no baleeiro americano *Acushnot*. Resolveu desertar e visitar a tribo pacífica dos Happer. Só que Melville se perdeu e foi ter com os temíveis Typee. Não obstante a sua reputação de canibais, acolheram Melville muito bem — mas este nunca se sentiu muito à vontade na tribo e preferiu partir passadas poucas semanas. Voltou aos Estados Unidos em 1843 e utilizou as suas experiências no romance *Typee* (1846), sem contudo seguir rigorosamente os factos. O herói do romance vive, por

exemplo, durante quatro meses na tribo, ou seja, muito mais tempo que o próprio Melville. e arranja uma amante indígena — pormenor este que nem todos os críticos pensam ter sido inventado. O editor londrino John Murray só aceitou publicar *Typee* e o romance seguinte *Omoo* (1847) na sua série de livros de viagens, após Melville ter garantido que não se tratava de ficção. Ficção ou não, o público na América e na Europa gostou.

Nessa altura, Taiti já era protectorado francês, recebendo visitas regulares da marinha francesa. Uma jovem taitiana deu o nome «Loti» ao oficial Julien Viaud, que viria a publicar numerosos romances exóticos sob o pseudónimo Pierre Loti, entre outros *Rarahu* (1880) com a ilha de Taiti como palco. Uma geração mais tarde, outro oficial da marinha francesa, o médico Victor Segalen, não se ficou pelos cenários exóticos, mas procurou compreender o ponto de vista dos colonizados, sem contudo chegar à condenação aberta do colonialismo *Les Immémoriaux*, (1907).

O escritor Robert Louis Stevenson estabeleceu-se em Samoa em 1890, já minado pela tuberculose e depois de longas viagens à procura de um clima mais ameno. Aprendeu samoano, viveu com os indígenas e escreveu contos sobre aquela região. Quando morreu, cinco anos mais tarde, a ilha esteve de luto.

Gauguin também escolheu o lado indígena quando se fixou na ilha de Taiti em 1891. Contudo, não era fácil: para ganhar a vida, dependia de população branca de Papete, capital provinciana da colónia francesa que não compreendeu nem comprou os seus quadros. Em 1901, tentou recomeçar de novo nas ilhas Marquesas, onde morreu em 1903.

A lista, sobretudo de escritores, parece não ter fim. Para só mencionar alguns: Jack London, o aventureiro americano que publicou *South Sea Tales* (1911) depois de ter viajado pelo Pacífico no seu iate *Snark*; Somerset Maugham, o inglês nascido em Paris que baseou o romance *The Moon and Sixpence* (1919) na vida do pintor Gauguin; o americano James A. Michener que iniciou uma carreira de *best-sellers* com *Tales of the South Pacific* (1947).

E aqui se enquadra o êxito do Palagui. E já não será de estranhar que tenha inspirado uma canção à Lena d'Água ou engendrado uma carta repleta de entusiasmo ingénuo que uns jovens alemães dirigiram ao presidente da Câmara de Apia, capital dos seus sonhos rousseauianos e, no mundo real, de Samoa Ocidental. Onde ainda hoje aparece de vez em quando um turista europeu perguntando por Tuivaii...

ELLEN HEINEMANN

Outro tempo, outro modo

Dirigida a um dos coordenadores da «Revista de Livros», foi recebida a seguinte carta de um antigo chefe de redacção de *O Tempo e o Modo*:

Foi com o interesse que imaginas que li o suplemento da «Revista de Livros» do DN, de que és o co-responsável, dedicado aos vinte anos de *O Tempo e o Modo*. Não quero discutir o critério que presidiu a tal empreendimento, de acordo com o qual foram ouvidos apenas dois responsáveis da revista — porque só dois e porquê esses dois?; porque não, sobretudo, ouvir António Alçada Baptista cuja personalidade marcou indelevelmente a imagem da revista? No entanto, todos os grupos têm direito à escolha dos seus *compagnons de route* — e a «Revista de Livros» do DN também...

O que me leva a escrever-te é porém o conjunto de referências que me são feitas no artigo de João Bénard da Costa, que, um tanto revivisticamente, tem por título «Meus Tempos, Meus Modos». O modo como o autor fala da história da revista é, de facto, muitíssimo seu — talvez porque ele, a propósito, não pretenda tanto ser mais um dos historiadores da história que não houve quanto apresentar um depoimento pessoal. Mas tal não o deveria impedir, mandam os bons costumes, de ser um pouco mais cuidadoso com as afirmações que produz — sobretudo quanto aos factos documentalmente susceptíveis de prova.

No seu artigo, João Bénard da Costa começa por falar em mim, que fui o último chefe da redacção da revista antes de esta se transformar decididamente num órgão de propaganda legal do MRPP, a propósito deste movimento político, incluindo-me no grupo que designa por maoista e datando a minha (súbita) aparição do Verão de 1970.

Ora, talvez para mal dos pecados do João Bénard da Costa, eu entrei muito antes disso para o *TM* e a minha vivência da revista não se confunde com a sua fase final. Foi em fins de 1967 — talvez te lembres — que, integrado num grupo que João Bénard designa por «esquerda contestativa», fui convidado para fazer parte da redacção da revista — e há, desde essa data, colaboração minha no *TM*. Fui um dos fundadores da Sociedade Anónima *O Tempo e o Modo*, um dos sócios da série A que, segundo o nosso autor, dispunham de «todo o poder», e fui escolhido para chefe de redacção da nova série da revista que se iniciou em Novembro de 1969 — ao mesmo tempo que o João Bénard era designado director e, pelo menos, com a sua concordância. Progressivamente, a maioria da redacção distanciou-se do director — por razões que, como não pretendo fazer História com maiúscula, nem com minúscula, direi que não vem agora para o caso — e aconteceu que eu acompanhei essa maioria. Para o João Bénard foi um artigo escrito por mim — sectário, diz —, criticando um livro de António José Saraiva que originou a sua (súbita) saída da revista em Novembro de 1970; ora acontece que esse artigo não foi escrito por mim e é da autoria de Sebastião Lima Rego — como facilmente pode ver quem consulte o número 84 do *TM*. Esse mesmo número inclui um texto meu sobre outro tema — e quem estiver interessado pode, lendo-o, dar-se conta do meu sectarismo de então... Não é certamente por acaso (era assim que se dizia no *TM*) que João Bénard omita o meu nome onde não deveria omiti-lo e o refere a propósito de crimes que não cometi. Tratou-se para ele de uma *derrota pesada*; talvez por isso seja de (filosoficamente, como dizia Stendhal) desculpar estes lapsos...

Estive à frente, da redacção do *TM* até Junho de 1971 — e o número 87 foi o último por que me sinto responsável, ainda que para efeito de revisão de opiniões e opções. A partir daí posso subscrever as palavras de João Bénard: não sei o que aconteceu às minhas acções da sociedade proprietária, ao título e à revista, «que a última vez que a vi (já depois do 25 de Abril) era órgão oficial, ou officioso, do grande educador da classe operária»; por esse tempo, andava eu entretido com outros indómitos salvadores da Humanidade, que viveram também (vem a talhe de foice dizê-lo) a sua quota-parte de responsabilidade pela minha presente repugnância intelectual por toda a espécie de messianismos:

Pelo que me toca, penso contudo que o *TM* em que colaborei esteve à altura de ser aquilo que Vasco Pulido Valente, no lúcido artigo com que, na «Revista de Livros», comemora o aniversário, considera de sublinhar: um espaço furtado simultaneamente às influências ideológicas do antigo regime e do Partido Comunista.

É verdade que todos, em certas fases da vida, escolhemos mal as nossas companhias. Fiz grandes amigos no *TM* mas também aí colecionei grandes desilusões. Mas, enfim, parece-me que isto não é razão suficiente para transformar ressentimentos pessoais em revisões do passado — e não quero estragar uma simpática festa de aniversário que, apesar de tudo, agradeço através de ti à «Revista de Livros».

AMADEU LOPES SABINO

Nota dos coordenadores:

António Alçada Baptista foi evidentemente solicitado a colaborar no número dedicado a *O Tempo e o Modo*, mas não pôde fazê-lo.

DELI PRELO

A NOVA REVISTA DA IMPRENSA NACIONAL

...o fim deste estabelecimento
he o de animar as Letras ...

Alameda Regio de 24 de Dezembro de 1968

IMPRENSA NACIONAL - CASA DA MOEDA